



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO
SUL

Bicentenário de Osorio

Ano 2008

Nr 57

Nota do redator: o jornal O Gaúcho, neste número, vai a Belo Horizonte para homenagear os bravos irmãos mineiros que souberam lutar pelos seu princípios.

A RESISTÊNCIA HERÓICA DO 12º RI - 03 DE OUTUBRO DE 1930 (A REVOLUÇÃO DE 30 EM BELO HORIZONTE)



Até o dia 22Set1930, o 12º RI vivia em regime de prontidão e sobreaviso em virtude da instabilidade política vivida no País, desde o assassinato de João Pessoa, Presidente da Paraíba. O 1º BC (1º Batalhão de Caçadores), de Petrópolis, e uma Cia de Fuzileiros do 10º RI, de Juiz de Fora, foram retirados de Belo Horizonte, onde também se encontravam de prontidão e sobreaviso, sob a alegação de que o perigo de uma revolução já havia passado. A ordem partiu do Gen Diógenes Tourinho, que era o Comandante das tropas do Exército em BH e que, em seguida, viajou para gozar suas férias

em Juiz de Fora. Na ocasião, o Gen recomendou ao Ten Cel Andrade, Cmt do 12º RI, que procurasse o Dr. Cristiano Machado, Secretário do Interior de MG, para certificar-se da tranqüilidade no Estado e que, em seguida, fizesse seguir o 10º BC para a sua sede em Ouro Preto, bem como uma Seção do 4º GA Mth (4º Grupo de Artilharia de Montanha) para Pouso Alegre. Isto significava que em BH, que à época contava com pouco mais de trinta anos, estava acantonada uma tropa de valor Brigada de Infantaria (quase três mil homens)...Será que a ordem teria partido mesmo do Gen Tourinho? Teria ele conhecimento do movimento revolucionário?... É bem provável que não...No dia 23Set, o Ten Cel Andrade procurou o Secretário que o recebeu com “o semblante alegre e gentil que o caracterizava.” (sic). O Secretário, após ouvir e concordar com a disposição do Cel Andrade em retirar tropas da cidade, asseverou-lhe que tudo se modificara no panorama político mineiro desde a posse do Presidente Olegário Maciel e que não ocorreriam problemas. Este fato parece não corresponder à verdade, segundo palavras lúcidas do Gen (R) José Lopes Bragança

em 1986, o qual afirmou que os presidentes de Minas Gerais, Antônio Carlos e Olegário Maciel, já vinham preparando o terreno, passando alguns oficiais legalistas da PM para a reserva, sendo um deles o seu pai, o Maj Bragança (da Força Pública), o qual foi brutalmente assassinado dentro do 12º RI ao terminar a resistência, sob a acusação de traidor, sendo que o único intento do Maj foi acompanhar o seu filho, o então Ten José Lopes Bragança, que se encontrava dentro do quartel, cercado pela Força Pública de Minas Gerais. No final desta narrativa vamos voltar ao fato...

É importante salientar as palavras do Ten Cel Andrade, na ocasião de sua visita ao Dr. Cristiano Machado, referindo-se à situação política do País: “eu lhe disse, com a franqueza de soldado, que não descreia dos políticos do meu País e que só deles tudo dependia, se deixassem de lado as paixões pessoais, para olhar com superioridade os interesses da grande Pátria Brasileira”. O Ten Cel Andrade saiu da entrevista encantado com a fidalguia do tratamento e certo de que reinaria a paz e a tranqüilidade nas Minas Gerais....

No dia 24Set, as Unidades foram despachadas para as suas sedes, conforme a orientação recebida. Este ambiente de aparente concórdia e de paz foi o que vigorou no espírito dos militares do Exército, na guarnição de BH, até o dia 03Out1930. O Ten Cel Andrade e seus oficiais estavam tão certos disto, que só acreditaram na revolução quando passaram a sofrer a brutalidade das ações subseqüentes. Ao terminar seus trabalhos no 12º RI o Ten Cel Andrade foi para sua residência, colocou o seu traje civil e foi até o centro de Belo Horizonte comprar algumas frutas para seus três filhos menores que se encontravam acamados com sarampo. Ao retornar à sua residência, no dia 03Out à tarde, o Ten Cel Andrade foi abordado por um grupo de investigadores, próximo à sua residência, os quais receberam ordens do Secretário de Segurança de Minas para prendê-lo...Energicamente, o oficial respondeu que não tinha motivo para acompanhá-los e que somente poderia ser preso por autoridade de posto superior ou correspondente ao dele. Houve reação, e os investigadores espancaram-no e agrediram, inclusive sua filha, que foi prostrada sem sentidos no chão com um soco. O motorista dele, que tentou dirigir-se ao quartel com o intuito de pedir socorro foi baleado no local. Com ajuda de sua família e de populares, entretanto, o Ten Cel Andrade conseguiu desvencilhar-se e entrou em sua residência. No mesmo instante, a guarda da Delegacia Fiscal era atacada pela PM. Um Soldado do Exército que se encontrava de guarda no local foi morto por ter negado a render-se. Houve reação e ele foi o primeiro morto das forças legais. Três dos seus companheiros conseguiram fugir, retraindo para dentro do 12º RI. Um Sgt dos Bombeiros morreu no ataque e outros militares da PM ficaram feridos. Momentos após, o Ten Cel Aristarco Pessoa, do Exército, acompanhado de um civil e de um Capitão da Força Pública, chegou à casa do Ten Cel Andrade cheio de gentilezas com o “convite” do Secretário de Segurança para ir à sua presença naquele momento. O Ten Cel Aristarco era o emissário da revolução. Trouxe consigo o seguinte bilhete:

“Meu caro Comandante Andrade, peço-lhe, se possível vir com urgência ao meu gabinete. Grato e Atº Admor. (a) Cristiano Machado. Belo Horizonte, 3-10-1930”.(sic) Desta maneira, o emissário da revolução convenceu o TC Andrade e levou-o à presença do Secretário. Logo ao chegar, o Comandante do 12º RI disse ao Secretário: - “Eis aqui o seu prisioneiro”.- A seguir, o Dr. Cristiano leu o seguinte texto para o Ten Cel Andrade: *“Gabinete do Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 3 de outubro de 1930. Ilustre Amigo Comandante Andrade. Saúdo cordialmente. Quando há dias tive o prazer de sua entrevista, tivemos a oportunidade de repassar o quadro atual do meio nacional e das perspectivas sombrias que nele se desenhavam. **Com satisfação verifiquei que o meu pensamento se ajustava ao do ilustre amigo mais crente do que eu no julgar as possibilidades de uma harmonia perfeita da sociedade brasileira em seu duplo aspecto político e social.** Conquistá-la-ia o Brasil com o esforço de cada patricio a quem distribuisse uma parcela de autoridade, por uma visada alta e digna, sem estremecimento nem sobressalto. Mas, em contato com o panorama geral do meio, sentindo aspectos que talvez pelo seu mesmo profundo amor às instituições não via o prezado amigo, que o meu pensamento se separava do seu aí, pois eu sentia próxima uma grande comoção nacional, onde se irmanassem os*

anseios constantes de sua nobre classe aos anseios não menos constantes da própria consciência brasileira, por uma melhor articulação do regime, deturpado e prostituído por maus patriotas. Aí está ela, aberta de Norte a Sul, irmanados Exército, Polícias Militares e Povo, numa arrancada que todos nós devemos fazer por mais cruenta que seja. É o apelo que lhe faço como homenagem ao seu grande valor e às suas virtudes de brasileiro. Se não puder o meu ilustre amigo dar-nos a imediata segurança de que as forças aqui sob o seu comando se ponham a serviço dessa mesma cruzada que neste instante sacode o Brasil, eu lhe pedirei então que se tenha como prisioneiro. Nesta conjectura, não podendo ter o concurso valiosíssimo de seu incontestável mérito, só nos restará então dizer-lhe que nada faltará à sua família, à disposição da qual poremos todos os meios de que careça, além da segurança de que ao seu chefe de tudo será poupado. Creia, porém, que nesta última hipótese, será com profundo pesar que constataremos não ter o concurso de sua inteligência e de sua cultura. Receba as homenagens de grande apreço do seu Amº Attº (a) Cristiano Machado.” (sic)

Ao término da leitura, o Cmt do 12º RI reafirmou sua condição de prisioneiro. Os grifos no documento foram colocados propositadamente para o leitor analisar.

Algum tempo depois, chegaram ao edifício da Secretaria os seguintes oficiais presos: Capitães Roberto Diolindo Santiago e Mário da Costa Braga, 1º Tenentes: Carlos Luiz Guedes, Eduardo Batista Teixeira Lott e o 2º Ten Comissionado José Moreira Campos. Outros oficiais foram levados diretamente às prisões. O segundo ato de violência marcou o início da revolução em Minas. Por volta das 17:30 horas o 1º Ten José Moacir Orestes de Salvo Castro, Ajudante do 1º Batalhão, foi atingido por tiros provenientes de uma Companhia da Força Pública que se encontrava em posição, próximo à praça Raul Soares (cerca de 1 km do 12º RI). O Ten Moacir estava conduzindo gêneros para o Regimento no caminhão do fornecedor. O Oficial reagiu, esgotando toda a munição do carregador. Entretanto, ele e o Soldado Francisco Jorge de Melo foram feridos e aprisionados juntamente com o motorista do caminhão, sendo que o Soldado veio a falecer logo depois. O Tenente foi recolhido preso ao hospital militar da Força Pública. As residências dos Oficiais aprisionados foram violadas e minuciosamente vasculhadas por investigadores de polícia, inclusive, ocorrendo saques. A maioria das famílias destes oficiais teve que fugir para evitar violências.

Na Secretaria de Segurança, o Cmt do 12º RI passou a ser assediado pelo Dr. Cristiano Machado e por outras pessoas, para aderir ao movimento, ao que ele sempre respondia negativamente. No prosseguimento, o Secretário passou a conduzir a redação da ata de prisão dos oficiais. Serviu de escrivão o Dr. Augusto de Lima Júnior. O documento ficou assim:

*“Aos três dias do mês de outubro de mil novecentos e trinta, no edifício da Secretaria do Estado e Negócios do Interior e Segurança Pública, no gabinete do respectivo titular Dr. Cristiano Monteiro Machado, onde achavam-se presos por ordem do Governo do Estado de Minas Gerais, o Tenente Coronel José Joaquim de Andrade, Comandante interino da 8ª Bda Inf e mais os Capitães Roberto Diolindo Santiago, assistente da 8ª Bda Inf, Cap Mario Costa Braga, Comandante da 3ª Cia do 12º RI, pelo Tenente Coronel Andrade foi dito que tendo sido preso de surpresa, sem que pudesse tomar nenhuma providência que acautelasse suas responsabilidades, tomando conhecimento da situação de fato aqui na Secretaria e sendo informado que muitos milhares de homens da Força Pública cercavam o Quartel do 12º Regimento de Infantaria, que no momento não poderá dispor para a sua defesa mais de cento e cinquenta homens, e talvez de reduzido número de oficiais; por isso que havia terminado o expediente, poucos momentos antes, isto é, das dezessete horas e por consequência todas as praças desarranchadas haviam saído para tomar refeições, e muitas outras para a folga natural do terminar do dia; resolvo diante da situação imperiosa...(Neste ponto da ata o escrivão intentou colocar o seguinte texto) –**“determinar que não se faça nenhuma resistência...”**. Incontinente, o Cmt do 12º RI opôs-se a isto, pediu a ata e riscou a dita frase. No entanto, consentiu escrever: **“aconselhar aos que se encontram dentro do Quartel que resolvam como melhor lhes parecer de modo refletido e consciente, consentâneo aos ditames da honra e do dever, neste momento”**.”*

Assinaram a ata os seguintes oficiais do EB, que encontravam-se presos: o Cmt do 12º RI, os Capitães Roberto Diolindo Santiago e Mário da Costa Braga e os Tenentes Carlos Luiz Guedes e José Moreira Campos (Comissionado). O Dr. Cristiano Machado negou-se a assinar. No momento em que isto ocorria, dentro de um clima de impaciência, por parte dos revolucionários, o Ten Cel Luiz Fonseca, da Força Pública, que se achava de pé, pedia insistentemente ao Dr Cristiano Machado permissão para atacar o quartel do 12º RI. Julgando que essa fosse uma maneira de perturbá-lo, o Cmt 12º RI disse ao Ten Cel Fonseca: - Não tenha pressa. Foram enviados como parlamentários o 1º Ten do Exército José Carlos de Campos Cristo, comissionado Major da Polícia, e um prisioneiro, o Tenente Comissionado José Moreira Campos. Posteriormente, correu a notícia que o Major Cristo havia sido preso no 12º RI, o que provocou indignação entre alguns oficiais revolucionários. Em vista disto, o Cmt do 12º RI prontificou-se em falar, pelo telefone, com os seus subordinados que se encontravam no quartel. Atendido pelo Major Pedro Leonardo Campos, o Cmt do 12º RI explicou-lhe pelo telefone a situação de parlamentar do Maj Cristo e, ouviu de seu interlocutor que o referido oficial já tinha sido liberado sem problemas. No momento da ligação o Ten Cel PM Fonseca tentou retirar o telefone das mãos do Cmt 12º RI, tendo sido repreendido, de imediato, pelo Ten Cel Aristarco. Em seguida, os mencionados oficiais retiraram-se do posto telefônico. Ao chegarem à calçada, os revolucionários perguntaram ao prisioneiro o que os integrantes do 12º RI haviam decidido. Diante disto, retornaram ao posto telefônico pela segunda vez. Estabelecida a ligação, o Cmt do 12º RI perguntou ao Maj Josué: “O que vocês resolveram?” Ao que o Major Josué respondeu: **“Salvar a honra do Exército, resistindo até o último cartucho”**. Em prosseguimento, o Cmt do 12º RI informou aos seus captores a disposição de resistência dos seus subordinados. Então, o Major PM voltando-se para o Ten Cel Aristarco disse: **“Então vou dar ordens para atacar e mandar envenenar a água”**. Iniciava-se, naquele momento, um dos mais belos e trágicos episódios de nossa história militar. Alguns militares do Exército conseguiram penetrar no quartel cercado pela Força Pública, firmes no propósito de partilharem da glória com os seus companheiros. Dentre estes, cabe relatar a situação do Maj PM José Machado Bragança (reformado), que foi ao 12º RI levar o 1º Ten José Lopes Bragança, seu filho, para cumprir o sagrado dever. Sentindo-se ameaçado pelos seus companheiros da Força Pública, que consideravam-no como um traidor por ter levado o filho ao quartel. O Major Bragança pediu asilo no 12º RI. Encontravam-se no quartel do 12º RI quinze oficiais e trezentos e oitenta e cinco praças. Além dos fuzis ordinários e mosquetões, existiam seis metralhadoras leves e seis pesadas, e copiosa munição leve.

A seguir, relataremos as providências tomadas quando os integrantes do 12º RI perceberam que o quartel estava sendo cercado. O 2º Ten Rui de Brito Melo, Oficial de dia ao Regimento, imediatamente, chamou às armas todas as praças presentes e expediu os avisos aos oficiais e, em síntese, ajudou a formular um plano inicial de defesa. Aqueles que conseguiram chegar, recebiam suas armas e munições e inteiravam-se de sua missão. Foram ocupadas posições defensivas já construídas anteriormente no quartel, pelas tropas que já relacionamos, que barravam as principais vias de acesso ao Quartel. **Pouco depois das dezoito horas, já não era possível entrar ou sair do quartel.** Delineava-se que a Força Pública havia posicionado quase três mil soldados e várias metralhadoras pesadas, instaladas como bases de fogos nas alturas de Carlos Prates, na caixa d'água do morro do Pinto, no Prado Mineiro, no Moinho Inglês e no Estádio do Atlético Mineiro. Conforme se pode ver, o Quartel do 12º RI estava dominado por fogos diretos. Este fato dificultou os movimentos entre os pavilhões do Regimento, e, até mesmo o remuniamento das armas dos defensores, os quais arrastavam cunhetes de munição amarrados por cordas, de modo a manter o nível de munição para o combate, bem como, para evitar a exposição do pessoal ao intenso fogo das armas automáticas. Até aqueles momentos de tensão, as comunicações com o Ministério da Guerra estavam normais, sendo de estranhar-se porque nenhuma ordem de alerta foi expedida. O Cap Josué determinou que o Tenente Bragança se apossasse do Edifício da Penitenciária do Estado, que estava situada à retaguarda do 12º RI e que poderia servir de base para um ataque à Unidade. O Tenente Bragança, comandando dois grupos de combate e uma seção de

metralhadoras leves cumpriu airoosamente sua missão. O Maj Pedro Campos, investiu-se no comando da 8ª Brigada de Infantaria e designou o Capitão Josué como Comandante do 12º RI às 18:30 horas do dia 03 de Outubro. Ato contínuo, organizou-se a Unidade para o combate, atribuindo-se as missões aos oficiais comandantes das companhias.

O Ten Bragança, embora já não estivesse presente, comandaria a 3ª Cia de Fuzileiros. A organização da defesa ficou de forma geral assim estruturada: a) Flanco direito: 1ª Cia; b) 2ª Cia, com elementos da Cia Extra do RI, comandada por Sargentos; c) Flanco esquerdo: Dispositivo mais reforçado. Os fuzileiros das Subunidades consideradas ocupavam posições, defendendo seus setores com as metralhadoras, guarnecendo os pavilhões superiores, suas janelas e os pontos dominantes à frente. d) Aspectos relevantes: O fogo das armas automáticas deveria estar muito bem direcionado, com razância, cruzamento de fogos e dominância, isto porque, a Força Pública de Minas Gerais não conseguiu entrar no quartel, à viva força, durante os combates. É importante salientar que foram planejadas barragens colocadas judiciosamente, de modo a interditar as principais vias de acesso ao aquartelamento. O sistema de comunicações interno privilegiou o uso de mensageiros e a Estação Rádio da Unidade conseguiu enviar mensagens ao Ministério da Guerra e a outros elementos da 8ª Bda Inf dando conta da situação, ainda à tarde do dia 03 de outubro.

Enquanto estas providências eram tomadas, o **Ten Campos Cristo**, parlamentário da revolução, alegando que o movimento se alastrara vitoriosamente em todo o Brasil e que as tropas da Força Pública de Minas Gerais eram superiores às federais no Estado, tentava convencer os oficiais do 12º RI a se renderem. Informou, ainda, que o chefe político da revolução em Minas era o próprio Presidente do Estado, Dr. Olegário Maciel e que o objetivo era depor o Presidente da República Dr. Washington Luiz. **O Major Pedro Campos não gostou muito da estória e mandou prendê-lo.** Entretanto, convencido pelos demais oficiais decidiu libertar, posteriormente, o referido Tenente. Importa salientar o desprezo da revolução às tropas federais. Nem foi, pelo menos, tentado aliciar o 12º RI. De qualquer maneira, não seria fácil pelo grau de despolitização e disciplina destacada do ambiente no Regimento, resultado de um ótimo adestramento. Imaginaram que a resistência ia ser mínima e que, talvez, um pouco de violência até “dignificasse a vitória dos descontentes...” A maioria dos depoimentos de pessoas que viveram em Belo Horizonte à época, mostra uma simpatia da população civil em relação ao movimento. O ódio contra o governo do Presidente Washington Luiz estava bastante disseminado entre os cidadãos comuns.

Naquela tarde, ainda, chegou o seguinte rádio do Ministro da Guerra e transmitido do Palácio do Catete: “Que havia recebido os dois rádios do Comandante da Brigada de Infantaria nos quais comunicava a prisão de vários oficiais do 12º RI e que, em consequência, assumira o Major Campos o Comando da 8ª Brigada de Infantaria, estando cercado o Quartel do 12º RI, pela polícia. Que o movimento revolucionário era limitado a Belo Horizonte, tratando-se de mera questão estadual, estando o governo federal senhor de toda a situação, com recursos para sufocar qualquer movimento, reinando calma no País e **que tinha certeza de que o 12º RI cumpriria com o seu dever.** E que dentro de poucas horas estaria em Belo Horizonte um forte destacamento das três armas sob o comando do General Tourinho.”

*Dando crédito aos documentos recebidos, os oficiais decidiram por unanimidade “manter-se no Quartel, em expectativa, sem hostilizar ninguém, mas, em caso de serem atacados, reagir”. Neste instante, o Ten Cristo, parlamentar, foi despachado com a resposta negativa e com o rádio do Min da Guerra. A partir daquele momento, sem dúvida, estava aberto o caminho para as hostilidades. À noite, **a energia elétrica foi cortada** e o Quartel, sem comunicações, também ficou virtualmente isolado. Também ficaram às escuras os bairros próximos ao 12º RI. A população, neste aspecto, passou a viver as agruras de uma revolução...Por volta da meia noite do mesmo dia (03 Out), **constatou-se que a água do quartel estava envenenada**, verificando-se que a cor azulada da água era azul de metileno em dissolução. Entretanto, o pessoal continuou a beber a água sem maiores problemas. Ao amanhecer, no entanto, os sitiantes **colocaram creolina na água**, tornando-a imprópria definitivamente. Os pequenos reservatórios do Quartel*

que não estavam contaminados, ainda, foram rapidamente esgotados. Pouco depois, foi consumida até a água das caixas de descargas de privadas do Regimento. Nos dias posteriores, a falta d'água tornou-se um verdadeiro martírio para os defensores. Durante a noite de 3 para 4 de outubro o 12º RI recebeu fogos de fuzis e de armas automáticas da Força Pública. No entanto, a defesa estava bem preparada e não respondeu, consciente de que ainda não havia chegado a hora para resistir. Às 5 horas do dia 04 de outubro (sábado), ouviu-se um estampido e, pouco depois, caiu um objeto nos fundos do quartel. Porém, não aconteceu o arrebentamento do projétil. Teria sido uma granada? Posteriormente, ficou confirmado que aquele teria sido o primeiro tiro do canhão construído em Minas Gerais, com a ajuda de técnicos estrangeiros¹. O referido armamento recebeu o nome de "Odilon Braga", em nome de um dos Secretários do Governo de Minas. No entanto, o tiro falhou... Com este canhestro sinal, desencadearam-se os preparativos para um ataque da Força Pública. Das alturas que dominavam o quartel, os atacantes despejaram intensos fogos de armas automáticas que estavam muito bem ocultas no terreno. Confirmou-se, naquele instante, a superioridade numérica em pessoal e material dos atacantes. Apesar da dificuldade de observação, percebeu-se claramente as intenções do inimigo: realizar um ataque frontal. Os fogos provinham dos morros do Carlos Prates, do Pinto, Caixa d'água, Moinho Inglês e Estádio do Atlético Mineiro. Logo após esta preparação, realizou-se o ataque dos primeiros escalões do inimigo. Precariamente podia-se divisar o movimento da tropa atacante (5º Batalhão da Força Pública). A violência da ação impressionou bastante os defensores que aumentaram o volume dos fogos para impedir a progressão da Força Pública. Certos de que era impossível prosseguir de peito aberto, os atacantes procuravam abrigar-se em dobras do terreno e em casas abandonadas no itinerário entre as posições de ataque e o objetivo. A luta foi bastante encarniçada e, neste primeiro dia aconteceram as primeiras baixas consideráveis dos defensores. Perdeu a vida, nesta primeira ação, o 2º Tenente (FP) Joaquim Garro Ferreira Rabelo quando impulsionava corajosamente os seus homens para o ataque. O moral dos defensores estava elevado, não obstante as primeiras baixas e as condições precárias já enumeradas. Alguns grupos de atacantes conseguiram chegar próximos ao aquartelamento sendo, no entanto, repelidos de maneira firme. Foram realizadas ações de flanco, de bases de partida situadas nas ruas Uberaba e Juiz de Fora, sem contudo, obterem o êxito desejado. Para conter o avanço das tropas da Força Pública foram realizados fogos de armas automáticas, de Fuzis Ordinários e até com o lançamento de granadas de mão e de fuzil. Também uma tentativa de reunião e avanço do inimigo pelo sudoeste (Barroca) foi frustrada. Esta primeira ação violenta perdurou até as 0830 horas do dia 04 de outubro, ora diminuindo, ora aumentando de intensidade. Segundo os defensores, além da ação na madrugada do dia 04, ocorreram mais duas tentativas de assalto: uma ao anoitecer e outra na manhã do dia 05 de outubro. Estas ações perduraram cerca de 27 horas e meia.

Neste primeiro combate perderam a vida um Sargento e 04 soldados. Feridos: um Capitão, cinco cabos e dois soldados. A enfermaria foi transferida para o Cassino do Regimento, por ser um local mais amplo. Os doentes foram obrigados, pelas circunstâncias dramáticas, a cederem os seus leitos para os companheiros feridos, os quais foram atendidos por um enfermeiro.

Durante o dia a estação telegráfica que funcionava somente com o aparelho receptor, captou a seguinte mensagem truncada: "...que a cidade de Belo Horizonte estaria dentro poucas horas em poder do General Tourinho, que marchava à testa de um forte destacamento das três armas." A sede estava insuportável. Além disso, os cavalos mortos e que não puderam ser retirados do pátio do Regimento provocaram um cheiro insuportável. À noite, um Sgt comandando um pequeno destacamento, conseguiu retirar água de um bebedouro dos animais, que estavam mortos nas proximidades, e conseguir mitigar a sede de parte do pessoal e ainda sobrou um pouco para o café do outro dia.

Na madrugada do dia 05, conforme já relatamos, realizou-se nova tentativa de assalto ao 12º RI, que

perdurou durante todo o dia, ora com maior, ora com menor intensidade. Ao cair da noite, foi realizado outro ataque sem sucesso. As posições de metralhadoras do inimigo foram silenciadas com maiores dificuldades do que no dia anterior. A sede, a perspectiva de fome, o mau cheiro e a presença dos sete mortos insepultos, colocados na biblioteca do Regimento, causavam abatimento nos defensores. À tarde do dia 05, os mortos foram sepultados numa faixa de terra atrás do pavilhão de rancho. Neste dia, dois acontecimentos chamaram a atenção dos defensores. O primeiro deles foi o boato veiculado sobre a possibilidade de que o 10° BC estivesse se aproximando de Belo Horizonte, atendendo a ordem emitida pelo comandante interino da Brigada, Major Pedro Campos. Este prenúncio não se confirmou. O outro foi que a tropa sob o comando do Gen Tourinho já se encontrava a caminho da Capital e que uma esquadrilha de apoio iria bombardear as tropas atacantes. Um avião, provavelmente revolucionário, neste dia, lançou uns boletins sobre a cidade. Nenhum deles caiu no quartel. Neste dia, aconteceram as seguintes baixas nos defensores: um soldado morto e três feridos.

No dia 06 de outubro (2^afeira) os combates continuaram, porém, com menos impetuosidade. As granadas de mão que provocaram tantas baixas e temor na tropa inimiga acabaram-se. As granadas de fuzil lhes substituíram, sem os efeitos das primeiras. A sede e a fome iam ficando mais agudas...

Prosseguiu-se na abertura de uma cisterna no interior do aquartelamento. No entanto não se conseguiu o precioso líquido. Alguns soldados conseguiram burlar a vigilância dos atiradores inimigos e conseguiam retirar água do bebedouro dos animais. Esta água, entretanto, era pouca, e já estava com limo do fundo do bebedouro e tinha um odor fétido.

Às duas e meia da tarde, dois aviões bombardearam e metralharam as posições do inimigo. Diversas praças foram feridas nesta hora, porque saíram dos seus abrigos para assistirem ao bombardeio. O flanco direito do Quartel continuava sofrendo o maior volume de fogo de enfiada das armas automáticas situadas no morro do Carlos Prates. Muitos combatentes retraíram de suas posições para o interior do alojamento a fim de continuarem na luta. À noite, o Comandante do Regimento (Cap Josué) redistribuiu algumas missões de comando entre os oficiais, a fim de melhorar a defesa. Assim aconteceu. Às dezoito horas o Tenente Bragança retornou ao Quartel e assumiu o comando de sua Companhia. O referido oficial foi obrigado a deixar mortos e feridos na penitenciária, em virtude da difícil situação do local, batido por fogos diretos do Morro da Caixa d'água. Foram mortos neste dia dois (02) Cabos e quatro (04) soldados.

O dia 07 de outubro, terça-feira, também foi bastante sofrido. As dificuldades descritas acentuavam-se cada vez mais. Os Soldados começavam a demonstrar sinais de desânimo. Não com a situação da luta que estava sob controle, mas com a fome, o cheiro de podridão que incomodava a todos e, principalmente, com a sede que enfraquecia os combatentes expostos ao sol e ao calor. A munição se escasseava e, como conseqüência, obrigava a tropa a economizar a munição. Os oficiais exortavam constantemente as praças ao sacrifício, em nome da honra da Unidade e do País. Neste dia, cerca de 19 horas, foram lançados uns foguetes no Quartel. Um desses engenhos trazia uma mensagem dos revolucionários avaliando como inútil a resistência e, sobretudo, exortando os defensores à rendição..... Pouco depois das 20 horas, após um intenso tiroteio, começou a espalhar-se pelo Regimento a triste notícia de que o jovem Tenente Brito Melo havia sido morto nos combates. Uma bala atravessou-lhe o coração...Este fato causou profunda consternação entre os defensores. O referido oficial demonstrou, além de sua coragem, o profissionalismo, respeito pelos subordinados e, sobretudo, uma liderança impressionante e foi, sem dúvida, um dos pilares na resistência do 12° RI. A morte do Ten Brito Melo foi uma pá de cal na disposição de continuar lutando, para muitos combatentes.... Aquela foi uma baixa muito triste e marcante para todos no Regimento. Perderam a vida neste dia, além do tenente Brito Melo, dois (02) Soldados. Foram feridos: um 2° Sargento, um Cabo e dois Soldados. A situação de muitos dos feridos era extremamente agravada pela falta d'água e, sobretudo, de maiores cuidados médicos.

No alvorecer do dia 08 de outubro a Força Pública realizou outro ataque sem obter êxito. Contudo, as condições para a defesa tornavam-se cada vez mais precárias. A munição escasseava, não havia local

adequado para os feridos graves, a sede e o cheiro de carniça se tornavam cada vez mais insuportáveis, e o número de combatentes já era insuficiente para guarnecer as armas automáticas. Para piorar o quadro, mulheres e crianças feridas chegavam ao Quartel pedindo socorro e eram acolhidas. Não havia outro jeito...Os urubus fartavam-se na carniça, inclusive, na de um cadáver insepulto que encontrava-se em uma área permanentemente batida por fogos do inimigo. O desânimo era evidente. Por mais que o espírito de luta falasse alto, as condições pioravam a cada hora...Esta situação fez com que o Comandante do Regimento enviasse, com a permissão do Comandante da 8ª Bda Inf, o seguinte ofício ao Comando revolucionário: “12º Regimento de Infantaria. Senhores. Havendo no Quartel deste Regimento alguns feridos necessitados de intervenção cirúrgica, inclusive uma criancinha de dez meses, peço, como ato de humanidade de acordo com os preceitos da Cruz Vermelha, que seja assegurado o transporte dos mesmos para uma casa de saúde, onde possam ser socorridos. O portador deste servirá de intermediário para os sinais convencionais, para entrada de veículos condutores de feridos. Peço igualmente que somente sejam recomeçadas as hostilidades depois de recolhidos os feridos e mortos de ambos os lados. (As)- Josué Justiniano Freire, Capitão Comandante”(sic).

Um Sargento Músico da Unidade foi encarregado de levar o documento e orientado para entregá-lo ao Ten Cel Aristarco Pessoa. Imaginava-se que o Comandante dos revolucionários fosse o Ten Cel Aristarco. O referido Sargento desceu a Av. Barbacena com a bandeira da Cruz Vermelha em direção aos arraiais inimigos, tendo sido insultado e ameaçado durante todo o itinerário. Pouco depois, o Sargento retornou trazendo consigo dois documentos que influenciaram decisivamente os acontecimentos posteriores. O primeiro deles era uma carta do Ten Cel Andrade aos seus subordinados, a outra era uma resposta ao pedido de armistício do 12º RI. Vejamos o primeiro: “Meus camaradas. Cordial abraço. Cheio de orgulho e de entusiasmo, tendo acompanhado daqui a vossa situação, digna de soldados que, escravos do dever, tudo sacrificaram. Com o pensamento sempre aí, sinto a emoção de todos vós ante o desempenho de tão árdua missão, sem poder dela participar pessoalmente, pelos motivos que bem sabeis. Mas, neste momento, após 04 dias de resistência heróica, preocupa-me o resultado que possais obter ante a falência de recursos que não vieram a tempo (prometidos e até então não chegados), procedimento esse que, de algum modo, salva a nossa responsabilidade. Assim sendo, venho pedir que reflitam maduramente, conscientemente respondam a oferta que me fazem os camaradas revoltados, de vos receberem honrosamente com a admiração de que vos tornastes dignos, sem nenhuma humilhação para quem quer que seja. Na situação em que me encontro nada posso resolver, cabendo a vós analisar o caso e decidir acertadamente, em presença das circunstâncias. Eles se prontificaram a um entendimento prévio, se for o vosso desejo. Um parlamentar, descendo ostensivamente a ladeira do Quartel, virá pelo meio da Avenida Paraopeba até a Praça Raul Soares, onde será recebida a resposta. Com as minhas sinceras saudações. (As) José Joaquim de Andrade, Ten Cel.”(sic)

O ofício do Ten Cel Aristarco, mais contundente, fazia uma análise arguta da situação nacional, e abria uma porta para uma rendição segura e honrosa. É importante salientar que o referido oficial gozava de certo prestígio no Exército.

“Comando Geral da Força Pública. Belo Horizonte 08 de Outubro de 1930. Senhor Capitão Josué Justiniano Freire, Comandante do 12º RI. Dever de humanidade é permitir que esses jovens mineiros que estão sob vosso comando, como sorteados, trazendo dos seus lares amor a sua terra, as suas tradições, a sua gente sejam compelidos a lutar contra seus irmãos e contra a sua querida Minas Gerais, na defesa de um governo que tanto ultrajou e humilhou. Dever de humanidade seria permitir que retirássemos da linha de fogo nossos mortos e feridos cobertos pela bandeira da Cruz Vermelha sobre a qual abristes fogo. Dever de humanidade é poupar a população livre e feliz como a de Belo Horizonte que tem sofrido cruelmente as conseqüências de vossa obstinação. Nossos hospitais já abrigam crianças feridas, várias crianças e mulheres mortas por vossas balas já se acham enterradas. Assim sendo e tendo em vista a situação militar geral do País em que a revolução vitoriosa se estende do Rio Grande do Sul até a fronteira

de São Paulo, achando-se no Norte do Brasil todo em situação idêntica, desde Alagoas até o extremo Norte, aconselhamos aos bravos defensores do 12º RI, a terem a única conduta que um patriotismo bem compreendido impõe. Rendei-vos. Sereis recebidos honrosamente com todas as garantias. A situação militar em detalhes que podeis ver pelos nossos boletins de informações, sob nossa palavra de honra, eu vos asseguro completamente verdadeiras. "Camaradas, cumpristes já plena e galhardamente o vosso dever e o governo federal impotente vos deixou entregue a vossa própria sorte. Dentro de pouco agiremos com maior violência caso não aceiteis o nosso alvitre. Rendei-vos. (As) Aristarco Pessoa Cavalcante de Albuquerque. Ten Cel Comandante."

Conforme se pode ver, poucas alternativas existiam. Ou continuar lutando irracionalmente até o completo esgotamento, ou a rendição completa. Mesmo assim, o Major Pedro Campos reuniu os oficiais para a tomada da decisão que atendesse a opinião da maioria, e que estivesse de acordo com os ditames da honra. Embora estivesse patente que grande parte das praças fosse contra uma rendição, esta linha de conduta foi adotada face as penosas condições de defesa do aquartelamento. Ao tomarem conhecimento disso, os militares de mais baixas graduações ficaram inconsoláveis por entregarem a sua querida Unidade a um adversário que se mostrara tão irredutível, desde os primeiros momentos. Entretanto, assim aconteceu. Ao entrarem no Quartel, após a saída em coluna dos prisioneiros, mataram o Major Bragança, conforme já relatamos. Este episódio enlutou esta família de bons e leais soldados, que em 27Nov35, mais uma vez perdeu um de seus integrantes, o 1º Ten Benedito Lopes Bragança, assassinado pelos colegas comunistas enquanto dormia nos alojamentos da Escola de Aviação do Exército², no Rio de Janeiro. A Sra. Erce Bragança, filha do Gen Bragança, em 1986 relatou-me que a sua avó, desde aquele dia, pelo resto de sua vida, acordava sempre às três horas e quinze minutos da manhã para rezar, exatamente no horário em que o seu filho fora assassinado, de maneira infame... A população belorizontina aliviada pelo término das hostilidades, neste dia, 08 de Outubro, deve ter comemorado a vitória da revolução. Foram disparados contra o quartel do 12º RI cerca de 500 mil tiros de fuzil ...Até hoje, quem visita o 12º RI pode ver um poste de luz de aço, furado de balas, e que hoje é o mastro da insígnia de comando da Unidade, e que vem como que atestar para outras gerações de soldados a bravura de um passado recente. Enquanto isto, os mortos do 12º RI, os quais morreram em defesa do seu Quartel e do respeito da Constituição, foram levados para o esquecimento dos seus concidadãos e enterrados, em simples sepulturas, no cemitério do Bonfim, que ficava defronte ao 12º RI, isso talvez, para guardarem eternamente, dali, a Unidade que tão bem souberam honrar e defender. Recentemente, os despojos destes soldados foram trazidos para uma pequena cripta construída nos fundos da Unidade.

Em 1986, os dois irmãos, o Gen Bragança e o Cel Alcindo Bragança vieram até o Comando do 12º RI e o segundo deles reclamou do roubo da réplica do espadim do Ten Brito Melo do túmulo que a mãe dos citados oficiais ofereceu aos heróis do 12º RI. A sepultura dele era simples, e estava localizada nas proximidades do magnífico mausoléu oferecido pelo governo estadual aos seus camaradas da Força Pública de Minas Gerais...

BIBLIOGRAFIA

- Relatório de 02Abr32 do Ten Cel JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE, Cmt do 12º RI até o dia 03Out30;
- Livro **"A Resistência Heróica"** do Cap Josué Justiniano Freire, que comandou o 12º RI durante o ataque à Unidade;
- FILHO, Pe. Luiz de Marco, Ten Cel PM QOR CPL. **História Militar da PMMG**.
- Histórico da Unidade.

P. Alegre, 23Jan 2008 - Mauro Antonio de Figueiredo Leite, Cel (R1) ex-Subcmt 12ºRI

O CATANHO

O catanho é um tipo de refeição rápida, utilizada por militares do Exército em viagens de curta duração ou em missões rápidas. Consiste basicamente de um sanduíche de queijo ou mortadela, algum tipo de fruta, uma barra de chocolate e de suco, água ou refrigerante.

Todavia o catanho, em sua forma mais comum e rústica, consistia de farinha de mandioca torrada, pedaços de carne seca e uma fatia de goiabada, acondicionados em sacos de pano grosso, dispensando-se o uso de talheres, e devendo ser consumido juntamente com a água do cantil para aumentar a sensação de saciedade.

Durante a Campanha de Canudos, as tropas careciam de apoio de alimentação durante as longas jornadas de marcha, pois o Exército ainda não dispunha do sistema operacional de logística e muito menos de um eficiente serviço de provisionamento de campanha.

O Ten Cel Moreira César, Comandante da terceira expedição a Canudos, também conhecido como o corta-cabeças, ou o treme-terra, incumbiu o segundo oficial mais antigo da expedição, o Ten Cel Pedro Nunes Tamarindo, Comandante do 9º Batalhão de Infantaria, de realizar estudos para suprir as tropas durante o longo deslocamento.

O Ten Cel Tamarindo, por sua vez, determinou a um militar de nome Catanho a missão de confeccionar um cardápio com os gêneros existentes no momento, principalmente farinha e carne seca, de forma que pudesse ser acondicionado em bornais e em seguida distribuída aos soldados.

Não se sabe ao certo que posição hierárquica este militar ocupava.

A refeição agradou tanto o paladar dos soldados que estes resolveram batizá-la de catanho.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS